

MALDITA MATEMÁTICA

a partir de
Maldita Matemática!,
de Álvaro Magalhães,
e *Pequeno Livro de
Desmatemática*,
de Manuel António Pina

dramaturgia, cenografia
e encenação
Manuel Gama

interpretação
Alexandre Sá
Clemência Matos

produção
Dois Pontos Associação Cultural

estreia [6Abr02] Cooperativa
do Povo Português (Porto)

Teatro Carlos Alberto
3-6 Dezembro 2008

qua-sex 10:30 + 14:30 sáb 11:00

dur. aprox. [1:05]

classif. etária M/6 anos

A VELHA AVARENTA

a partir de “A Cebola da Velha
Avarenta”, de Sophia de Mello
Breyner Andresen

dramaturgia e encenação
Manuel Gama

coreografia
Andrea Gabilondo

banda sonora
Tilike Coelho

cenografia e adereços
Cristina Lucas

desenho de luz
Rui Damas

assistência de encenação
Clemência Matos

interpretação
Andrea Gabilondo

produção
Dois Pontos Associação Cultural

estreia [14Mar07] Sala de
Ensaios da Dois Pontos (Porto)

Teatro Carlos Alberto
10-13 Dezembro 2008

qua-sex 10:30 + 14:30 sáb 11:00

dur. aprox. [45']

classif. etária M/3 anos

Ficha Técnica TNSJ
coordenação de produção **Maria João Teixeira**
assistência de produção **Eunice Basto**
direção de palco (adjunto) **Emanuel Pina**
direção de cena **Cátia Esteves, Ricardo Silva**
maquinaria de cena **António Quaresma,**
Carlos Barbosa
luz **João Coelho de Almeida, António Pedra,**
José Rodrigues
som **Miguel Ângelo Silva**
electricistas de cena **Júlio Cunha,**
Paulo Rodrigues

apoios



apoios à divulgação



agradecimentos

Polícia de Segurança Pública

Teatro Nacional São João

Praça da Batalha
4000-102 Porto
T 22 340 19 00 | F 22 208 83 03

Teatro Carlos Alberto

Rua das Oliveiras, 43
4050-449 Porto
T 22 340 19 00 | F 22 339 50 69

Mosteiro de São Bento da Vitória

Rua de São Bento da Vitória
4050-543 Porto
T 22 340 19 00 | F 22 339 30 39

www.tnsj.pt
geral@tnsj.pt

Dois Pontos Associação Cultural

Rua das Oliveirinhas, 18
4000-367 Porto
T | F 22 510 30 67 TM 91 952 67 89
www.doispontosassociacaocultural.blogspot.com
doispontosassociacaocultural@gmail.com

edição **Centro de Edições do TNSJ**

coordenação **João Luís Pereira**
design gráfico **João Faria, João Guedes**
fotografia **João Tuna**
impressão **Aprova, AG**

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espectáculo. O uso de telemóveis, pagers ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os actores como para os espectadores.







É pela fantasia que eu percebo a realidade e questiono a ordem do mundo. Vou ser mais claro: já que não pude ser um Peter Pan, o eterno menino que se recusou a crescer para não entrar no mundo frenético e infeliz dos adultos, só posso, *Cinderela-ao-contrário*, fugir da realidade à meia-noite (ou antes, se me deixarem) e sonhar a minha infância. Os meus livros, se os virem por aí, são os sapatinhos que só a mim servem (querem experimentar?) e provam que estive “lá”, tanto quanto foi possível.

ÁLVARO MAGALHÃES

Eu não escrevo para crianças; penso, sim, que alguns dos meus livros, alguns dos meus poemas, algumas das minhas peças de teatro, podem dizer alguma coisa a algumas crianças. (Embora, naturalmente, não saiba bem o quê. Tenho uma ideia, claro, mas não a certeza absoluta. Aliás, também não tenho a certeza absoluta do que seja uma criança.)

MANUEL ANTÓNIO PINA

Comecei a inventar histórias para crianças quando os meus filhos tiveram sarampo. [...] Primeiro, contei todas as histórias que sabia. Depois, mandei comprar alguns livros que tentei ler em voz alta. Mas não suportei a pieguice da linguagem nem a sentimentalidade da “mensagem”: uma criança é uma criança, não é um pateta. Atirei os livros fora e resolvi inventar. Procurei a memória daquilo que tinha fascinado a minha própria infância.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

In Luísa Ducla Soares, coord. – *De que São Feitos os Sonhos: A Antologia Diferente*. Ilustrações Vítor Simões. 2.ª ed. Porto: Areal, 2000. p. 97, 149, 19.

“Sou um número real no teu mundo imaginário”

ÁLVARO MAGALHÃES*

[...] – Eu sou um sete – disse o Sete.

– Sete?

– Sim, um número sete. Já fui zero, quando nasci. Depois fui um 1, que é o melhor número que se pode ser, quanto mais para começar. Mas a minha vida é muito fácil de contar. Queres ver? 1, 2, 3, 4, 5, 6... e agora 7. Percebeste? Mas ainda tenho muito que crescer. E que ser: 19, 25, 73 e depois, muito depois, 1618033.

Por um momento o João pensou que o número se ia calar. Mas não.

– E no final – continuou ele –, quando esta nossa vida de números acabar, volto a ser um 1. Ou seja, a unidade. É complicado?

– É como a matemática que eu tenho de estudar – disse o João. O Sete encostou-se para trás.

– Ai sim? E que sabes tu de matemática?

– Para dizer a verdade, soube sempre bastante pouco.

Desculpa, mas eu nem sabia que havia números, quer dizer, não sabia que os números, que os números...

– Não sabias que os números existiam, não é? Pois fica sabendo que há muitos: simples, compostos, positivos, negativos. Até há números de ouro. E números imaginários, vê lá tu.

– Imaginários? – espantou-se o João. – Esses o meu professor não conhece de certeza absoluta. Mas há mesmo?

– Claro que há. Se não houvesse números imaginários, não havia números reais, como eu.

– Mas então tu és real, quero dizer, “a sério”?

– Pois! Sou um número real no teu mundo imaginário. •

* Excerto de *Maldita Matemática!*. Ilustrou Bayard Christ. 4.ª ed. Porto: Asa, 2004. p. 14-15.

A história do *i*

MANUEL ANTÓNIO PINA*

O *i*, número imaginário com muita imaginação, imagina o cenário para um filme de ficção.

A história começava dentro duma equação de segundo grau, e o vilão era uma raiz quadrada

da fórmula resolvente que assaltava à mão armada um pobre *x* que passava, roubando-lhe o expoente.

O herói, um matemático, perseguia-a tenazmente de equação em equação até uma de quinto grau.

Aí, a raiz quadrada, finalmente encurralada, sem fórmula de esconder-se, acabava por render-se.

A ideia era excelente, o final um teorema. Ficariam certamente na História do Equacinema.

Mas o público queria filmes de geometria, ângulos obtusos, tangências, estúpidas circunferências...

Por isso o *i* nunca mais se deu a fazer ficção. Cedeu: "Não gasto imaginação com números irracionais!". •

* Excerto de *Pequeno Livro de Desmatemática*. Desenhos Pedro Proença. 2.ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002. p. 24-25.

“Ela era muito, muito avarenta”

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN*

[...] Quando chegou à porta do céu, S. Pedro disse:

– És uma avarenta. Vais para o inferno.

E logo um diabo a agarrou e a atirou para um grande buraco que estava à porta do inferno. E já outro diabo a ia empurrar lá para dentro quando o anjo da guarda da velha gritou:

– Não!

S. Pedro disse aos demónios que esperassem e depois perguntou ao Anjo:

– Porque é que disseste que não?

– Por causa disto – respondeu o Anjo.

Abriu a mão e S. Pedro viu na palma da mão do Anjo uma cebola.

– Acho pouco – disse S. Pedro.

– Para ela é muito. Ela era muito, muito avarenta. Para ela dar uma cebola foi um grande sacrifício – respondeu o Anjo.

– Está bem – disse S. Pedro –, vê se a podes salvar com a cebola.

O Anjo arrancou um dos seus cabelos que eram muito compridos e atou a cebola a uma ponta. Depois debruçou-se no buraco e disse à velha:

– Aqui vai a cebola que deste à pobre. Agarra-te, pois vou tentar puxar-te para cima. Mas tem cuidado, pois o fio é fino.

A cebola foi descendo devagar na ponta do cabelo que o Anjo segurava pela outra ponta.

Vendo isto, as outras almas que estavam no buraco correram todas para a cebola, para se agarrarem também.

Mas a velha empurrou-as e gritou:

– A cebola é minha, é minha!

Mal ela disse a palavra “minha”, o fio de cabelo rebentou.

E o Anjo não pôde salvar a velha avarenta. •

* Excerto de “A Cebola da Velha Avarenta”. In *De que São Feitos os Sonhos: A Antologia Diferente*. Coordenação Luísa Ducla Soares; ilustrações Vítor Simões. 2.ª ed. Porto: Areal, 2000. p. 22-25.



Era uma vez duas vezes...

Sete perguntas a **MANUEL GAMA**.
Por **JOÃO LUÍS PEREIRA**.

Em 2001, esteve com Clemência Matos na origem da criação da Dois Pontos Associação Cultural, depois de ambos terem trabalhado durante alguns anos noutras estruturas. O que ficou dessas experiências e, mais importante ainda, que aspirações e inquietações transportaram para este novo projecto?

As experiências antigas serviram para crescermos e para aprendermos (muitas vezes, a incapacidade de uns empurra outros para a frente...). O que transportámos foi, acima de tudo, uma vontade enorme de trabalhar com ética, rigor, profissionalismo, respeito, dignidade, seriedade... As inquietações são uma constante. Eram-no no passado e vão continuar a sê-lo no futuro...

Olhando para o conjunto da vossa programação, constatamos que as peças teatrais criadas para públicos “infanto-juvenis” convivem muito de perto com espectáculos dirigidos a um público maioritariamente “adulto”. Mais: estes territórios contaminam-se mutuamente, como no caso da prosa e da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen, que têm alimentado uns e outros. Ela é a musa inspiradora de um vosso muito ambicionado “teatro para todos”?

Nunca pensei nesses termos... O que sei é que a Sophia está muito presente no trabalho da Dois Pontos desde 2004, pois estamos a desenvolver três ciclos em torno da sua obra – um com a integral de poesia, outro inspirado em três contos para crianças e jovens, e um último para adultos. Mas se calhar tem razão, a Sophia pode ser considerada uma das musas inspiradoras da Dois Pontos, se tivermos em consideração, mais que o trabalho que desenvolvemos em torno da sua obra, os valores humanos e sociais que defendia. E se a Sophia pode ser considerada uma das musas da Dois Pontos, a minha musa inspiradora, e sem a qual a Dois Pontos não existia, é, certamente, a Maria [Clemência Matos] que, desde há 7 anos, abraçou este projecto, me apoia e, apesar das dificuldades, dá tudo por tudo para que este nosso “teatro para todos” seja uma realidade. Sem ela, não estaríamos aqui a ter esta conversa, nem a Dois Pontos teria sido possível!

A itinerância pelo “país real” e a criação de ateliers de formação para crianças e adultos são outros dos vossos traços distintivos, presumo até que por razões de sustentabilidade económica do projecto artístico. Pode falar-nos um pouco sobre este vaivém entre “viajar” e “formar”, entre “ir” e “ficar”?

Um dos objectivos fundadores da Dois Pontos é “contribuir para o desenvolvimento cultural” que, no nosso entender, passa obrigatoriamente pela descentralização cultural. A itinerância pelo “país real” é, acima de tudo, uma missão que nos dá muito prazer, mas que para muitos é impossível porque dá muito trabalho... Não podemos negar que também nos motivam razões de sustentabilidade económica, pois a região do Grande Porto não tem “mercado” suficiente, não nos permitindo recusar solicitações para sair deste constante vaivém. Mas é nas idas e vindas que encontramos pessoas com enorme força de vontade

e que nos fazem esquecer a falta de condições com que muitas vezes trabalhamos. Os ateliers de formação também não são uma obrigação, mas uma vocação. Todos os nossos projectos têm ateliers associados.

Quando avançaram para o vosso espectáculo inaugural, convidaram Álvaro Magalhães para escrever um texto inédito, encomenda que acabou por não se concretizar. Decidiram então adaptar a sua *Maldita Matemática!*, a que veio juntar-se mais tarde o *Pequeno Livro de Desmatemática*, de Manuel António Pina. Sei que existe uma história muito curiosa por detrás destes encontros imediatos do sétimo grau...

Quando eu estava a fazer a adaptação de *Maldita Matemática!*, verifiquei que precisava de alguns poemas para o Sete reforçar a sua relação com as “letras” e com a “Maria”. Então decidi que ia telefonar ao Álvaro Magalhães para lhe pedir alguns poemas em torno da matemática. Como não tinha o número comigo, adiei o telefonema para o dia seguinte e fui passear para uma livraria... Qual não é o meu espanto quando me vem parar aos olhos o novo livro do Manuel António Pina – *Pequeno Livro de Desmatemática* – e vejo que todo ele é uma brincadeira, com poemas e alguma prosa, à volta da matemática. Estava tudo lá: o que me faltava e o que não faltava, mas que ficava “a matar”... Como é evidente, já não telefonei ao Álvaro a pedir-lhe poemas, mas para lhe dizer que a versão final do texto do espectáculo estava pronta e que continha uns poemas do Pina...

***Maldita Matemática*, o espectáculo, começa com o tema musical de *Missão: Impossível*. Para além de sinalizar as impossibilidades contidas no problema de matemática que a Maria tem de resolver, acaba por marcar o tom desta espécie de *thriller* com palavras e números, que não dá um segundo de descanso à imaginação dos espectadores...**

O tema de *Missão: Impossível* surge precisamente para sinalizar as impossibilidades contidas no problema, mas também as impossibilidades que nos diziam existir quando, em 2000, começámos a falar na criação de uma nova associação cultural... Acharmos que a resposta está dada: ao fim de sete anos ainda cá estamos e, tal como *Maldita Matemática*, que não dá descanso à imaginação dos espectadores, também os elementos da Dois Pontos não dão descanso à sua imaginação para continuar a fazer o que muitos pensavam impossível...

***A Velha Aventura* inscreve-se num outro tempo, mais lento e contemplativo, e onde a palavra acaba por ter um peso quase residual. Como foi construindo com a actriz e bailarina Andrea Gabilondo este *devaneio* coreografado?**

É sempre muito gratificante trabalhar com bons criadores e com intérpretes generosos. O espectáculo foi pensado, por mim e pela Maria, para a Andrea. Depois, foi sendo construído com ela. Com calma, sem dinheiro, mas com muito entusiasmo. A primeira experiência de trabalho com a Andrea foi com o espectáculo *A Candidata Ideal*, em 2002. Nessa



altura, no primeiro ano da Dois Pontos, conseguimos reunir uma equipa de luxo (não podemos deixar de prestar a nossa homenagem à Manuela Tojal, que fez uns figurinos maravilhosos) em torno de um projecto em que tudo funcionou sobre rodas. O trabalho com toda a equipa, e com a Andrea em particular, correu tão bem que quisemos repetir. A Andrea é colaboradora regular da Dois Pontos desde essa altura e, fruto dessa cumplicidade, em 2005 começámos a pensar num projecto para ela enquanto intérprete. Assim surgiu *A Velha Aventura*, que nos dá a todos muito prazer fazer. Inspirado na velha do texto da Sophia e numa “velha” que vagueia pela Baixa do Porto de chapéu de cerimónia e carrinho de compras de supermercado...

No final de ambos os espectáculos, convidam o público a colocar questões aos criadores e aos intérpretes. Nessas conversas informais surgem por vezes coisas inesperadas. Recorda-se de alguma que valha a pena partilhar connosco?

Mais importante que as coisas inesperadas que nos surgem nas conversas com o público, é o facto de conseguirmos falar abertamente com ele. Falar sobre o espectáculo, mas também sobre o teatro e a diferença que este pode fazer na vida das pessoas. Falar sem as máscaras de teatro, ouvir o que nos têm a dizer e responder a perguntas, algumas vezes inoportunas, mas, quase sempre, sinceras e genuínas. Mais importante que as dezenas de coisas e situações inesperadas é o facto de percebermos que, para alguns, fazemos a diferença... E a esses, e a todos os outros que ao longo destes quase sete anos nos têm ajudado ou colocado pedras no caminho, o nosso “Muito Obrigado”! •

DOIS PONTOS ASSOCIAÇÃO CULTURAL

Dois Pontos é uma associação cultural com sede física na cidade do Porto e sede espiritual no mundo. Pretende ser um pólo catalizador das dinâmicas culturais, numa primeira fase a nível regional, numa segunda fase a nível nacional e, quem sabe?, numa terceira fase além fronteiras... Organiza debates e encontros, promove acções de formação e produz eventos culturais, nomeadamente espectáculos de teatro, dança e música. A Dois Pontos escolheu a área de produção de espectáculos teatrais como cartão de visita. Contribuir para a descentralização cultural e para o desenvolvimento de novos públicos são, como é evidente, metas da vertente teatral do projecto. Por isso, os espectáculos são estruturados de forma a que a sua circulação pelo país seja possível, e, paralelamente a cada espectáculo, são organizados eventos complementares (exposições, debates, *workshops*...). A Dois Pontos orgulha-se do trabalho, muitas vezes quase clandestino, que desenvolve e agradece a todos os que queiram participar nesta aventura de marcar, realmente, pontos com futuro. •

CRONOLOGIA

- 2002** *Maldita Matemática*, a partir de textos de Álvaro Magalhães e Manuel António Pina, enc. Manuel Gama; *A Candidata Ideal*, de Javier Tomeo, enc. Manuel Gama.
- 2003** 1.ª Edição da DiPArt – Digressão de 8 Projectos Artísticos, concepção Manuel Gama.
- 2004** *O Poema me Levará no Tempo* – Leitura Integral e Cronológica da Obra Poética de Sophia de Mello Breyner Andresen (11 Recitais, 2 Instalações e 1 Performance Poética), concepção Manuel Gama.
- 2005** *História de Muitas Cores*, de Rosa Lobato Faria, enc. Manuel Gama.
- 2006** *Um Dia em Que se Possa não Saber* e *Que Poema de Entre Todos os Poemas?*, poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen, concepção Manuel Gama; *Ateliers de Construção de Adereços, Dança/Movimento Cénico, Expressão Dramática e Origami; E Agora Maria... A Matemática???*, texto e encenação Manuel Gama.
- 2007** *A Velha Aventura*, a partir de um texto de Sophia de Mello Breyner Andresen, enc. Manuel Gama; *Sophia – O Poema é a Liberdade e Mar da Sophia*, poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen, concepção Manuel Gama.
- 2008** *Gentes de Teatro* (Performance de rua), concepção Clemência Matos e Manuel Gama; *Kós* (1.ª Fase – Ateliers): 12 Ateliers para todas as idades, concepção Manuel Gama; *História de Muitas Cores*, texto e encenação Manuel Gama. •